



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

MARIA DO SOCORRO MONTEIRO COSTA

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: percepções de alunos e professores da Escola municipal Unidade
Integrada Dr. Gastão Dias Vieira em São Bernardo – MA

SÃO BERNARDO

2018

MARIA DO SOCORRO MONTEIRO COSTA

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: percepções de alunos e professores da Escola municipal
Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira em São Bernardo – MA

Monografia apresentada à Coordenação
do curso de Licenciatura em Ciências
Humanas/Sociologia, Campus São
Bernardo, da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciada em
licenciado em Ciências
Humanas/Sociologia.
Orientador: Prof. Doutor Thiago
Pereira Lima

SÃO BERNARDO

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Monteiro Costa, Maria do Socorro.
Violência na Escola: percepções de alunos e professores da
escola Municipal Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira em
São Bernardo-MA / Maria do Socorro Monteiro Costa. - 2018.
59 f.

Orientador(a): Dr. Thiago Pereira Lima.
Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal
do Maranhão, São Bernardo-MA, 2018.

1.Bullying. 2.Estigmas. 3.Violência Escolar. I. Pereira Lima, Dr.
Thiago. II. Título.

MARIA DO SOCORRO MONTEIRO COSTA

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: Percepções de alunos e professores da Escola municipal Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira em São Bernardo – MA

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas/Sociologia.

Aprovada em: _____/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Thiago Pereira Lima
Universidade Federal do Maranhão(UFMA)

1º Examinador (a)

Prof.ª Dr(a). Ana Caroline Amorim Oliveira
Universidade Federal do Maranhão(UFMA)

2º Examinador (a)

Prof.ª Ma. Laura Costa Oliveira
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

A Deus em primeiro lugar, por seu imenso amor.
Aos meus pais, Creuza Maria Monteiro Cunha e
Manoel de Jesus Costa e ao meu padrasto Benjamin
Portugal Cunha e aos meus irmãos, obrigado pelos
ensinamentos e educação que foi primordial na
minha caminhada. Em especial e com todo amor a
minha filha Sofia Monteiro Costa.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Thiago Pereira Lima, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof(a) Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira e Prof(a) Ma. Laura Costa Oliveira pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos professores entrevistados, pelo tempo concedido nas entrevistas.

Aos colegas da turma, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas, principalmente aqueles que me ajudaram neste trabalho, Edinéia Silva, Deusa Silva e Luzia Costa, obrigado pelas orientações.

Obrigado a minha família pelo apoio e encorajamento, por me amparar quando preciso. Aos meus amigos que torcem por mim.

“A violência não constitui fenômeno novo na sociedade, apresentando-se de forma complexa e multifacetada e tendo origem em causas diversas, de natureza social, histórica e individual”.

Abramovay

RESUMO

O presente estudo constitui-se em uma pesquisa de campo sobre as percepções dos alunos e professores acerca da violência no ambiente escolar, conhecida como *bullying*. Participaram da pesquisa seis (06) professores e quatorze (14) alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental maior, da escola municipal Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira, localizado no povoado Currais do município de São Bernardo – MA. Como procedimento metodológico optou-se pela aplicação de questionário estruturado, a fim de apreender as percepções dos entrevistados acerca da violência na escola. Constatou-se que a violência na escola se manifesta com frequência em forma de estigma, geralmente, por meio de agressões verbais como apelidos, e é naturalizada tanto por professores quanto por alunos. A presente pesquisa ressalta a importância do debate sobre a violência em suas diversas manifestações, dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: Estigmas. Bullying. Violência Escolar.

ABSTRACT

The present study constitutes a field research on the perceptions of students and teachers about violence in the school environment, known as bullying. The study included six (06) professors and fourteen (14) students from 6th to 9th grade of Major elementary school, from the Escola Municipal integrated unit Dr. Gastão Dias Vieira, located in the Corrais village of the municipality of São Bernardo - MA. As a methodological procedure, the application of a structured questionnaire was chosen in order to apprehend the interviewees' perceptions about violence at school. It was found that violence in school manifests frequently, usually through verbal aggressions as nicknames, and is naturalized by both teachers and students. This research emphasizes the importance of the debate on violence in its various manifestations, within the school environment.

Keywords: stigmata. Bullying. School violence.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Foto da frente da Escola U.I. Dr. Gastão Dias Vieira	p. 36
Foto 2	Foto do corredor da escola	p. 37
Foto 3	Foto do pátio da escola	p. 37

LISTA DE QUADROS

Quadro - 1	Perfil dos alunos entrevistados	p. 38
Quadro - 2	Percepção dos alunos sobre <i>obullying</i>	p. 40
Quadro - 3	Perfil dos professores entrevistados	p. 45
Quadro - 4	Percepção dos professores sobre <i>obullying</i>	p. 46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMS	Organização Mundial da Saúde
EJAI	Ensino de Jovens, Adultos e Idosos.
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
PPP	Projeto político Pedagógico
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. VIOLÊNCIA: Categoria polissêmica.....	18
2. PROBLEMATIZANDO A IDEIA DE <i>BULLYING</i>: UMA VIOLÊNCIA QUE SEMPRE EXISTIU NO ESPAÇO ESCOLAR.....	20
3 O ESTIGMA DAS DIFERENÇAS E A PRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA: A escola como espaço de <i>violência simbólica</i>	26
4. VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES E PROFESSORES DA ESCOLA UNIDADE INTEGRADA DR. GASTÃO DIAS VIEIRA, SÃO BERNARDO-MA	33
4.1 O município de São Bernardo -MA	33
4.2 A Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira	35
4.3 Percepções de alunos/as	38
4.4 Percepções dos professores	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERENCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem a finalidade de apresentar um estudo sobre como se expressa a violência no ambiente escolar. O *bullying*, como é conhecido na literatura contemporânea, tem-se apresentado nas escolas e tem sido alvo de várias pesquisas e estudos. Desse modo, a presente análise versará acerca da percepção de quatorze (14) estudantes e seis (6) professores na Escola U. I. Dr. Gastão Dias Vieira, sobre as diferentes formas de manifestação da violência no ambiente escolar. Buscando compreender essa problemática em um contexto escolar, analisando os motivos, formas e o cotidiano escolar como produtor de estigmas.

A escolha desse tema deriva-se das experiências vivenciadas enquanto bolsista, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, do Campus de São Bernardo. Participei do subprojeto PIBID, do Governo Federal. No curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Campus de São Bernardo, participei, entre os anos 2014 e 2015, do subprojeto PIBID que se intitulava “As ciências humanas e a diversidade étnico-cultural: educação, interdisciplinaridade e cidadania”. A partir da oficina temática “A arte do Cordel em sala de aula”, dentro da temática “Bons leitores, bons cidadãos” me possibilitou uma observação da relação entre os alunos. Presenciei alguns comportamentos que provocavam conflitos entre os alunos na sala de aula, como apelidos, brincadeiras de cunho preconceituoso, o que produzia dificuldade de socialização para realização de atividades. Essas atitudes dos estudantes despertaram em mim um interesse em investigar mais profundamente essa problemática.

Desse modo, surgiu o interesse de analisar como se manifesta a *violência simbólica* dentro da instituição escolar e qual a percepção do professor e do próprio aluno, perceber como o corpo escolar identifica essas práticas e suas possíveis causas, assim como, realizar uma reflexão sobre as metodologias utilizadas para superação dessas problemáticas.

Diante disso, seguiu-se uma sequência metodológica para a concretização desse estudo. Realizei primeiro um levantamento bibliográfico sobre a violência na escola. Após, o levantamento bibliográfico destinado a análise da temática, partiu-se para pesquisa de campo.

Os autores empregados na pesquisa fora no campo da Sociologia. Para compreender como a *violência simbólica* se expressa na escola, utilizei Bourdieu (1989). Também utilizei Erving Goffman (1981), para discorrer sobre o conceito de *estigma* se sua (re) produção no meio social. Ambos realizam análises acerca da produção da violência nas relações sociais.

Para análise desses conflitos, farei uso da categoria *violência simbólica*, utilizada por Bourdieu (1989), que se expressa na violência física, verbal, simbólica e institucionalizada.

Desse modo, o conceito de *violência simbólica*, permite uma compreensão das diferentes formas de manifestação da violência, principalmente, os aspectos simbólicos das práticas de violência. Pois, a violência simbólica é um processo em que se perpetuam e se impõem determinados valores culturais, sem a necessidade da força física. Mas, na medida em que seus efeitos tendem a ser mais psicológica, a violência simbólica possui características que a diferenciam da violência física, apesar de poder se expressar, em última instância, sob esta forma.

O conceito de *violência simbólica*, na perspectiva bourdiana (BOURDIEU, 1989) significa uma imposição legítima e disfarçada de valores e visões de mundo, que se originam na interiorização da cultura dominante. No caso dos espaços escolares, essa *violência simbólica* se reproduz, apresentando uma conexão entre as desigualdades sociais e escolares. A *violência simbólica* é uma violência que atua de maneira invisível no meio social, se constitui em uma energia que se revela por meio da nossa naturalização, tornando-se parte do nosso cotidiano sem sequer percebermos sua manipulação. De maneira que se torna importante descobrir onde seus efeitos se deixam ver menos, onde é mais completamente ignorado.

Erving Goffman (1981), por sua vez, traz o conceito de *estigma*. Segundo o autor, os *estigmas* são marcas ou sinais no corpo, que identificam a identidade dos indivíduos dentro da sociedade. Geralmente, os *estigmatizados* passam a ser vistos pela sociedade de forma diferente, ou seja, sua identidade é representada por suas marcas suas peculiaridades físicas e psicológicas, classificando os mesmos como diferentes e inferiores. As estratégias de diferenciação social, que são estratégias de poder existentes na sociedade, definem os *estigmatizados* a partir de padrões de normalidades impostas pela ordem social vigente. Gerando um processo de exclusão social, já que, na dinâmica social existem normas e padrões preestabelecidos, que exclui aqueles indivíduos que não se enquadram nessas normas.

Como procedimento metodológico, fiz primeiro um levantamento bibliográfico sobre a violência na escola. Para a construção da pesquisa, utilizei autores do campo que trabalham com a violência na escola. Dentre eles estão Miriam Abramovay (2012), Pierre Bourdieu (1989), Gabriel Chalita (2008), Cleo Fante (2005, 2011), Ana Karina Sartori(2007), Neura Cezar e Luiz Augusto Passos, Suely Dulce de Castilho(2017), Marcos Vinicius Francisco, Renata Maria Coimbra(2015), Erving Goffman(1981), Vitor Napoli Machado (2016), Naira Baccareli Monte, Carla Regiane, Paulo José Barbosa Gutierre, José Claudio Moreli Matos, Rudney Fernandes da Silva, Jorge Manoel Gomes de Azevedo(2009), Samara Piber Lizet Dieguez Nikodem(2011), Carla Rauliane Meireles da Cruz Silva(2017), Vania Maria Cenci Stendile (2015), Adriele Rocha Tiradentes(2015). Muitos destes autores trabalham com a categoria *bullying* para se referir à violência no contexto escolar.

Após o levantamento bibliográfico destinado a análise da temática, partiu-se para pesquisa de campo. Então, no dia 11 de julho de 2018, direcionei-me a Escola U.I. Gastão Dias Vieira, localizada no Povoado Currais, Zona Rural, no município de São Bernardo-MA, para fazer a pesquisa aplicando um questionário aos professores e alunos da respectiva instituição. Nas perguntas do questionário, usei a categoria *bullying*, por considerar mais didática, tanto para professores, quanto para os alunos responderem.

O questionário aplicado aos sujeitos da escola tinha por finalidade, apreender a percepção dos alunos e professores e como a violência se expressa no cotidiano escolar. O questionário contou com 06 (seis) perguntas aos alunos, e 05 (cinco) perguntas aos professores. Ao todo foram entrevistados 14 (quatorze) alunos e 06 (seis) professores.

No Primeiro capítulo, problematizo o conceito de *bullying*, muito naturalizado na literatura pedagógica e do campo da Psicologia, como uma expressão da violência presente no ambiente escolar. Ressalto, neste primeiro momento do trabalho, que a violência sempre existiu em todo espaço social, como na escola. Na contemporaneidade, recebeu o nome de *bullying*, termo anglo-saxônico que surgiu nos anos 1980 do século XX. Desta forma, o conceito de *bullying* expressa os diversos tipos de violência; física, verbal, simbólica, institucionalizada e a virtual, que estão presente, no cotidiano do indivíduo, trazendo consequências físicas e psicológicas.

O termo *bullying*, é uma categoria bastante naturalizadas. Apesar de aparentar ser uma categoria nova de análise dos conflitos escolares, o *bullying* sempre se manifestou no meio escolar, pois, o mesmo constitui-se uma prática que faz parte do processo de constituição da escola moderna. Esse tipo de violência é comum nas instituições, pois se manifesta através do controle que um indivíduo tem sobre os outros, sem necessariamente, precisar usar força física, para obter obediência. O que torna muitas vezes a prática de *bullying* invisível aos agressores e as próprias vítimas, por isso, que no ambiente escolar este fenômeno, não é reconhecido como violência pelos próprios estudantes e professores. Both; Stival; Raduenz (2009) argumentam que o fenômeno é interpretado como uma espécie de *Brincadeira* própria da idade, fato que contribui para o procedimento de naturalização da violência ocorrida nas escolas.

No segundo capítulo é destinada a explanação de como as sociedades constroem processos de inclusão/exclusão de um determinado indivíduo, e de como esse processo de categorização produz *estigmas*. Tais marcas podem perpetuar práticas sociais de diferenciação entre os indivíduos dentro da sociedade, excluindo-os a partir de padrões de normalidade impostos pela ordem social vigente. Expondo também, como pessoas estigmatizadas estão

predispostas a se tornarem alvos da *violência simbólica*, assim como, os efeitos que este fenômeno pode causar no indivíduo.

No terceiro e último capítulo, serão analisadas as percepções dos alunos e professores, levantadas através do trabalho de campo e dos questionários que foram aplicados para obtenção de dados que possibilitassem uma análise sobre a produção dos *estigmas* e da violência simbólica na escola. Faço o levantamento do perfil dos sujeitos participantes dessa pesquisa, a partir de dados como idade, sexo, cidade e religião, além da percepção dos mesmos sobre as formas de manifestação de violência no contexto escolar.

Portanto, “(...) são inúmeras as formas de violência velada que enfrentam muitos de nossos alunos, dentre elas humilhações, gozações, ameaças, imputação de apelidos constrangedores, chantagem, intimidações” (FANTE, 2011, p.16). O ambiente escolar constitui-se em um espaço de múltiplas manifestações dos atos de violência, que ocorrem em suas mais variadas formas, sendo visíveis aos sujeitos envolvidos. Desta forma, espera-se que a escola possa estar atenta as reclamações, depoimentos e denúncias dos alunos, pois, torna-se fundamental que cada escola se construa políticas preventivas contra violência no contexto escolar e se torne, efetivamente, um espaço democrático, inclusivo e que considere a diversidade.

1. VIOLÊNCIA: Categoria polissêmica

A violência é uma prática que está presente em todo espaço social vivenciado pelo homem, um fenômeno que se reproduz ao longo da história da humanidade, em suas práticas cotidianas. Segundo Barros, Carvalho e Pereira (2009, p.5739) “a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a violência como um problema crescente da saúde pública em todo o mundo, devido às suas consequências, seja para os indivíduos, famílias, comunidades ou países de forma geral [...]”. De modo, nas últimas décadas a violência se apresenta como um fator de risco para o desenvolvimento humano.

É um fenômeno complexo que se expressa de diversas maneiras, acompanhando as transformações da sociedade. Portanto, ela está presente no nosso cotidiano, e apresenta muitas facetas que, vão desde a violência física, psicológica, verbal, social e virtual, podendo causar diversos transtornos na vida do indivíduo e na coletividade.

A violência é uma categoria polissêmica, e como prática social, é considerado um fenômeno em razão da sua complexidade e avanço na atualidade, e está despertando o interesse de estudiosos, por suas implicações juntos à sociedade como enfatiza Miriam Abramovay:

a noção de violência é por princípio, ambígua. Não existe uma única percepção do que seja violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro (ABRAMOVAY, 2002, p.17).

Para a autora, grosso modo, é irrelevante a formulação de uma concepção canônica acerca do conceito de violência. Pois, a mesma possui múltiplas significações em sua estrutura, que sofrem variações dos aspectos sociais, dependendo do período histórico.

Para Miriam Abramovay a violência tem múltiplas facetas, como "brigar, bater, matar, suicidar, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, pancadaria, neguinho sangrando, ter guerra com alguém, andar armado e, também participar das atividades das gangues" (ABRAMOVAY, 1999). Pode-se assim considerar que a violência física é praticada causando dor ao corpo, tais como, agressões, brigas, pancadas, chutes, espancamento, tentativa de assassinato e até a morte. A violência verbal é causada através de humilhações, discriminação, xingamentos, causando constrangimentos.

Para o Sociólogo Pierre Bourdieu, que analisa as formas da violência e sua complexidade, categorizando-a em: violência física, verbal, simbólica e institucionalizada. A violência simbólica é um processo em que se perpetuam e se impõem determinados valores

culturais. Na medida em que seus efeitos tendem a ser mais psicológicos, a violência simbólica possui características que a diferenciam da violência física, apesar de poder se expressar, em última instância, sob esta forma.

A violência simbólica é uma forma de violência desempenhada pelo indivíduo sem a atuação de práticas que inflijam dor física, mas que na esfera do social causa danos morais e psicológicos. Sendo esta, uma forma de coação que se apoia numa imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica. Apresentando se de forma quase imperceptível, o que a torna como a forma de violência mais comum em nosso meio social, uma vez que é praticada sutilmente contra o indivíduo, que muitas vezes a encara como uma situação natural. Bourdieu enfatiza que:

no entanto, num estado do campo em que se vê o poder por toda parte, como em outros tempos não se queira reconhecê-los nas situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é inútil lembrar que- sem nunca fazer dele, numa outra maneira de dissolvê-lo uma espécie de “circulo cujo-centro está em toda a parte e em parte alguma”- é necessário saber descobri-lo onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, como efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, pag.08).

De acordo com Bourdieu, a Violência simbólica, “é uma violência que age de forma invisível no meio social, uma força que se manifesta através da nossa aceitação, sendo que nem sequer percebemos que estamos sendo manipulados por ela” (BOURDIEU, 1989, p. 07), afirma ainda que é necessário saber descobri-la onde ela se deixa ver menos, onde é mais completamente ignorada.

Portanto, violência simbólica é um fenômeno complexo, apesar de estar na vida social, não existe um indivíduo que não há tenha sofrido essa violência em sua vida. A escola pode ser visto como um espaço em que violência simbólica se apresenta, atingindo crianças, adolescentes e jovens. Miriam Abramovay descreve que:

A violência simbólica é a mais difícil de ser percebida, porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos; ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os estudantes à sua própria sorte, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento (ABRAMOVAY; RUA, 2012, p.335).

2. PROBLEMATIZANDO A IDEIA DE *BULLYING*: UMA VIOLÊNCIA QUE SEMPRE EXISTIU NO ESPAÇO ESCOLAR

Os espaços escolares são espaços de conflitos e de manifestação de diferentes categorias de violência. Além disso, as diferentes experiências que os indivíduos trazem de fora da escola, problemas com drogas, conflitos familiares e rixa da rua. Segundo Abramovay (2012) “a falta de segurança, os conflitos entre os diversos sujeitos, as agressões verbais, as discriminações, as ameaças e as agressões físicas, entre outros eventos, deterioram o clima escolar e, por conseguinte, as relações sociais, impedindo que a escola cumpra sua função” (ABRAMOVAY, 2012, p. 46). Portanto, os conflitos fazem parte da dinâmica escolar, já que, a escola é reflexo da sociedade, o que dificulta a autoridade da escola na tentativa de superação de tais atos de violência.

Os primeiros estudos em torno da questão surgiram no final da década de 70, desenvolvido pelo professor Dan Olweus da Universidade de Bergen, na Noruega. Que desenvolveu sua pesquisa e divulgou seu trabalho na obra *Aggression in the schools: Bullies and Whippings Boys*. Somente no século XIX, iniciaram-se pesquisas em outros países como, Estados Unidos, Portugal e Espanha. De acordo com Silva (2009, p.20), “o bullying tornou-se um problema endêmico nas escolas de todo o mundo”. Um dos casos mais emblemáticos e com fim trágico ocorreu nos Estados Unidos, em 1999, no colégio Columbine High School, em Denver, Colorado. Os estudantes Eric Harris, de 18 anos e Dylan Klebold, de 17, assassinaram 12 estudantes e um professor.

Segundo Silva (2009) na Europa, desde a década de 80 estudos tem mostrado a necessidade da separação existente entre a concepção de brincadeiras naturais e saudáveis, típicas da vida estudantil, daquelas que omitem sinais de crueldade e ultrapassam todos os limites de respeito pelo outro. Tais análises foram realizadas pelo Dr. Dan Olweus, professor de psicologia, membro do Centro de Pesquisa de Promoção da Saúde (HEMIL) da Universidade de Bergen, na Noruega.

No ano de 1970, Olweus, iniciou um projeto de grande importância, atualmente é considerado como o primeiro estudo científico de bullying no mundo, publicado em seu livro na Escandinávia em 1973 e em 1978 nos Estados Unidos sob o título *Agressão nas Escolas: Bullies e Chicote Boys*. Já, na década de 1980, Olweus concretizou o primeiro estudo sistemático de intervenção contra o bullying no mundo, documentando uma série de efeitos

bastante positivos do que hoje é o Programa de Prevenção Olweus Bullying (OBPP). Também foi o primeiro a estudar o problema do bullying de alunos pelos professores.

Ainda conforme Silva (2009), a partir dos estudos de Olweus tornou-se visível que essas brincadeiras geralmente ocorrem de modo natural entre os alunos. “Eles brincam, “zoam”, colocam apelidos uns nos outro, tiram “sarros” dos demais e de si mesmos, dão muitas risadas e se divertem. No entanto, quando as “brincadeiras” são realizadas repletas de “segundas intenções” e de perversidade, elas se tornam verdadeiros atos de violência que ultrapassam os limites suportáveis de qualquer um” (SILVA, 2009, p.13).

O termo *bullying* tem origem inglesa e ainda não possui tradução no Brasil. Usa-se essa palavra para classificar condutas violentas no ambiente escolar, que ocorrem entre sujeitos que nela frequentam. “Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte das agressões” (SILVA, 2009, p. 20). É essencial especificar que as atitudes adotadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, comumente, não exibem motivações específicas ou justificáveis. Ou seja, “de forma quase “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso, invariavelmente, sempre produz, alimenta e até perpetua muita dor e sofrimento nos vitimados” (SILVA, 2009, p.20).

A violência escolar recebeu o nome de *bullying*, para nomear os tipos de violências que acontecem nestes espaços, sendo um comportamento que implica em danos psicológicos e físicos, que ocorre de forma repetitiva e intencional, podendo ser um indivíduo ou um grupo, causando intimidações, humilhações, insultos, angústia dor e até mortes das vítimas. O denominado *bullying* expressa-se em atos que praticam situações de constrangimentos a outrem, como violência física, verbal, psicológica e virtual. Bem como agressões, ameaças, roubos, apelidos, insultos, fofocas, discriminações por raça, cor, gênero, religião, condição social, diferenças físicas e intelectuais, entre outras, de forma repetitiva e intencional, contra outrem. Tais práticas tem a intenção de provocar nas vítimas momentos de constrangimentos em suas vidas. De acordo com Fante:

(...) bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotando por um ou mais alunos contra outro(s) causando dor, angústias e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do “comportamento bullying”. (FANTE, 2005, p. 27).

O *bullying* é ato de violência, ocorrendo entre pares, podendo ser praticado em qualquer ambiente, mas, é na sala de aula que esses conflitos são mais presentes, sempre existiu, seja pública ou privada, sem punições, vez que, muitos profissionais das instituições escolares, não têm conhecimento ou fingem não ver ou mesmo não sabem identificar essas práticas, simplesmente sendo omissos nessas situações. Segundo Nikodem e Piber (2011, p.106) “a escola por muitas vezes não consegue identificar o problema que ocorre em seu ambiente”, talvez por considerar algumas dessas práticas, brincadeiras normais e saudáveis.

As formas de brincadeiras são construções socioculturais. Portanto, vive-se em uma sociedade que alimenta atos violentos entre os indivíduos, com condutas intolerantes e desrespeitosas perante o outro, disfarçadas de “brincadeiras”. Desse modo, torna-se difícil o trabalho da escola de reeducar o sujeito visando uma cultura de paz e tolerância. Pois, “É preciso lembrar, no entanto, que a escola está na sociedade, é fruto dela, é de onde extrai seus recursos. Sua "autonomia relativa" não a torna um santuário à margem do mundo, nem um superego. Não se pode exigir que ela preserve ou inculque valores que uma parte da sociedade vilipendia ou só respeita da boca para fora” (PERRENOUD, 2005, p.07).

O *bullying* é considerado violência quando, o ato é repetitivo e provoca constrangimentos, no qual um dos participantes não se diverte. De acordo com Fante:

O bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos (FANTE, 2005, p. 30 apud SILVA 2014.p.2).

Miriam Abramovay (2012, p. 47) apresenta três tipos de violências, que são as Microviolências ou incivildades são aqueles atos que não contradizem nem a lei, nem os regimentos dos estabelecimentos, mas as regras da boa convivência (ROCHE, apud ABRAMOVAY, 2012, p. 47). Já as violências simbólicas operam por imposição de símbolos de poder. Nessa relação, os que não têm poder, não conseguem se defender das violações (BOURDIEU apud ABRAMOVAY, 2012, P. 47). E por último a *violência dura* são atos enquadrados como crimes ou contravenções penais, ou seja, estão presentes nos códigos penais (CHESNAIS, Apud ABRAMOVAY, 2012, P.47). Portanto esses tipos de violências devem ser avaliados em conjuntos e dificilmente agem isolados.

Segundo Abramovay (2012, p. 47), As *microviolências* perpassam as relações da escola por meio de mecanismos, práticas e hábitos que, apesar de romperem com a ordem

coletiva e destruïrem laços sociais, acabam sendo, muitas vezes naturalizados. Esse tipo de violência é prática que se manifesta através da falta de educação, hábitos ruins, rebeldia, agressividade, que na maioria das vezes o aluno, traz do lado de fora da escola, como uma conduta natural.

Na *violência simbólica*, é aquela que se configura por meio da utilização de símbolos - em particular da linguagem - que seduzem as vítimas, tornando-as cúmplices da violência que sofrem, sem que se deem conta do fato (ABRAMOVAY, 2012, p.47). Esse tipo de violência é a mais comum nas instituições, pois se manifesta através do controle que um indivíduo tem sobre os outros, sem necessariamente precisar usar a força física, para obter obediência.

A *violência dura* (ABRAMOVAY, 2012, p. 47) se expressa na intervenção física de um indivíduo contra a integridade de outro e também contra si mesmo, abarcando, ainda, suicídio, roubos, assaltos, homicídios, violências no trânsito, além das diversas formas de agressão sexual. Essa violência é cometida contra o corpo do outro, causando dor, manifesta de forma física, surgindo em qualquer ambiente.

Não há quem diga que nunca sofreu *bullying*, (SILVA, 2010, p. 23 e 24), pois está presente no nosso cotidiano, em forma de *agressões verbais, física, material, psicológico e moral, sexual e virtual*. Há diferentes manifestações de bullying, a destacar: *Verbal*: insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativo, fazer piada ofensivas, “zoar”; *Físico e material*: bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra as vítimas; *Psicológico e moral*: irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tiranizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre os meninos); e *Virtual*: praticado através dos meios de comunicação, celular e internet, são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências.

Essas práticas apresentadas pela autora são atos de violência, praticados contra os sujeitos, que vivem em constante estado de violência, pois vivem amedrontados, sempre com a sensação de insegurança, ocorre em todas as instituições escolares, públicas ou privadas, causando uma enorme destruição na vida das pessoas. E essa prática engloba toda uma estrutura escolar, envolvendo todos que trabalham na instituição. Abramovay (2010) traz diversos exemplos em seu texto:

Felipe, um garoto tímido e reservado de 15 anos, estudava em conceituado colégio em São Paulo, no bairro do Morumbi. Sempre foi um aluno exemplar: cumpria sem procrastinações, seus afazeres estudantis, nunca ficou em recuperação e passava nas

provas com notas excelentes. Os professores sempre relatavam que Felipe era um garoto brilhante e com um belo futuro pela frente. No entanto, um grupinho de alunos “da pá virada” passou a discriminá-lo e importuná-lo sistematicamente. Na frente de todos, ele era alvo de chacotas e apelidado de “cê-dê-efê”, puxa-saco de professores, “nerd” e “esquisitão”.

Certa vez, o garoto foi agarrado e agredido fisicamente no banheiro da escola. Imobilizado e com a boca tapada, levou vários chutes no estômago e nas pernas, o que foi testemunhado por muitos colegas. “Seus agressores impuseram silêncio: Fique quieto, senão a gente arranca a tua língua”, disse o mais valentão. Quem assistiu a tudo nada fez. Quem viu, fingiu não ver. Felipe, por algum tempo ficou ali, estirado no chão, indefeso, desmoralizado, sem poder contar com o apoio e a solidariedade de ninguém.

O adolescente passou a ter verdadeiro pavor do grupo e, dali em diante, frequentar as aulas se tornou um grande inferno. Os autores do ataque olhavam para Felipe com ar de ameaças e cochichavam entre si. Agora a classe toda já fazia piadinhas infames sobre aquele “fracote”, que apanhara junto às latrinas de um sanitário.

Cada vez mais excluídos, cabisbaixos e acuados, ele pediu a seus pais que o trocassem de escola. Com um misto de medo e vergonha, não disse o porquê. Eles não aceitaram e tampouco entenderam; afinal, a escola era excelente e seu filho um ótimo aluno.

Felipe passou a matar aula, ir a shoppings, inventar doenças, andar a esmo. Tudo isso como forma de fuga para não enfrentar o horror que estava vivenciando. Suas notas despencaram, as faltas eram constantes e estava à beira de ser aprovado. O que será que estava acontecendo com aquele inteligente e talentoso aluno? Drogas? Problemas domésticos? Nada disso, Felipe era uma vítima de bullying escolar.

Sem suportar mais as pressões advindas de todos os lados e já sem forças, o menino relatou aos pais suas experiências dramáticas. Os professores, diretora da escola e os pais de Felipe fizeram várias reuniões. Ninguém chegou a qualquer conclusão plausível: os pais de Felipe, sem saber muito bem como proceder diante de tamanha omissão, trocou o filho de colégio. Hoje ele está em terapia, tentando superar seus traumas, seus medos e sua dificuldade de se relacionar com qualquer pessoa (ABRAMOVAY, 2010, p. 19 e20).

Como a história de Felipe, existem muitos outros, que sofrem violência, fenômeno presente nas instituições escolares, distinguindo somente pela quantidade de episódios, variando de uma para outra.

Esses alunos sofrem muita discriminação e preconceito por ser considerados diferentes dos outros, por serem inteligentes ou menos inteligentes, por serem homossexuais serem baixos ou altos demais, serem gordos ou muito magros, por terem deficiências, terem cabelos enrolados, serem negros ou brancos, pobres, bonitos ou feios, pertencerem às outras religiões ou simplesmente pensarem diferentes dos demais.

Com a finalidade de identificar os personagens envolvidos nesses episódios, Fante e outros pesquisadores, apresentam os personagens que envolvem a prática do fenômeno *bullying*.

VITIMA TÍPICA: Suas características mais comuns são os aspectos físicos frágeis, medo, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, ansiedade, entre outras. Sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto física, como verbalmente, e tem uma conduta habitual não agressiva, motivo pelo qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada.

VITIMA PROVOCADORA: Tenta brigar ou responder, mas geralmente de maneira ineficaz; pode ser hiperativa, inquieta; de modo geral, é imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente que se encontra.

VITIMA AGRESSORA: É aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele transferir os maus tratos sofridos.

AGRESSOR: Normalmente se apresenta mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas; sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, é impulsivo, irrita-se facilmente tem baixa resistência às frustrações; é considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com as vítimas.

ESPECTADOR: Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor. Alguns espectadores reagem negativamente, uma vez que seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário foi violado. (FANTE, 2011, p.71).

As vítimas são aqueles que apresentam comportamento tímido, frágil, medroso, são alvos fáceis para servir de objeto, pois o agressor entende que o outro não revida, nem tem intenções de denunciá-lo. Assim como também aquele que reage diante das agressões, mas, não tem estrutura física nem mental para enfrentar o agressor, acaba com algumas atitudes inúteis, sofrendo mais agressões. O autor sempre é aquele que se destaca mais, ele domina o ambiente, tem seus seguidores, gosta de chamar atenção, ele age de forma cruel sobre aquele que é considerado diferente deles, discriminando-os e excluindo-os. O expectador é a grande maioria dos alunos, aqueles que presenciam as agressões na sala de aula, no corredor, no banheiro, mas, permanecendo omissos por medo de se tornar vítima também.

O *bullying* é uma prática pouco notada, pois se desenvolve de modo sutil, é uma relação de poder, uma expressão da violência que sempre existiu nas escolas.

3 O ESTIGMA DAS DIFERENÇAS E A PRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA: A escola como espaço de *violência simbólica*

As sociedades constroem processos de inclusão/exclusão de um determinado indivíduo. Esse processo de inclusão/exclusão constitui-se por meio de classificações que tomam como referência um padrão determinado pelo meio social. Quando o sujeito não se enquadrar nas regras nesses padrões sociais exigidos, considera-se o mesmo diferente dos demais. Esse processo de categorização produz *estigmas*, que segundo Goffman (2004):

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de que os apresentava. Os sinais eram feitos de cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada: especialmente em lugares públicos (GOFFMAN, 2004, p.05).

Segundo o autor, podemos compreender *estigmas* como marcas ou sinais no corpo, que identificam a identidade dos indivíduos dentro da sociedade. Os *estigmatizados* passam a ser vistos pela sociedade de forma diferente, ou seja, sua identidade é representada por, “[...] qualquer marca ou sinal; mancha infamante outrora aplicada, com ferro em brasa nos ombros ou braços de criminosos, escravos etc” (SCHILLING, MIYASHIRO, 2008, p. 248). As pessoas que possuíam essas marcas eram consideradas depreciativas, com moral duvidosa, devendo ser evitada pelos demais. No geral, eram criminosos ou escravos que eram marcados por seus senhores.

Mais tarde, com o Cristianismo, essa definição anteriormente apresentada, passou por modificações, acrescentando ao conceito inicial, dois sentidos. O primeiro mencionava sinais corporais de graça divinas, sendo visto como algo sobrenatural e santidade, que se manifestava através de doenças da época, como por exemplo, doença de chagas, pois os sofrimentos das pessoas ao adquirirem essa doença, assemelhavam ao sofrimento de Cristo, aproximando-os. Já o segundo, abordava tal termo numa perspectiva médica, associando às doenças mentais.

O *estigma* perpetua estratégias de diferenciação do indivíduo dentro da sociedade, definidas a partir de padrões de normalidade impostos pela ordem social vigente (GOFFMAN, 2004). Na dinâmica social há normas e padrões definidos, porém há indivíduos que não se enquadram dentro da norma social mente estabelecida.

Segundo Machado e Napoli (2016), o *estigma*:

[...] pode ser definido como o traço de um grupo ou indivíduo – perceptível ou não no primeiro momento – que não é característico dentro daquilo encarado como normal. Quem carrega esse traço, essa marca, encontrará dificuldades na interação social com os demais, pois, na visão dos, normais“(não estigmatizados), o estigmatizado perdeu qualquer tipo de atributo ou qualidade, sendo aquela marca definidora do seu caráter. Lembremos que na sociedade ocidental, o que se entende por „normal“, é o homem branco, hétero e bem sucedido. (MACHADO; NAPOLI, 2016,p.56).

O autor explica que “[...] estes indivíduos encontram-se marcados por conta de peculiaridades físicas e psicológicas, pois os mesmos são tidos como diferentes e inferiores em relação à maioria da sociedade” (DAMASCENO, 2004, p.01). As pessoas são avaliadas e manipuladas o tempo todo por aqueles que se consideram “normais”; assim, o ser estigmatizado passa a ser excluído e rechaçado e torna-se vítima constante de violência sistêmica. No espaço escolar, esta violência se expressa no que se convencionou chamar de *bullying*.

Existem diversos mecanismos de poder que exercem um poder de influência muito forte em nossa sociedade, nos obrigando a seguir os seus padrões, a exemplo do sistema escolar, excluindo aqueles que não o se enquadram nessas exigências, considerando-o como desvios morais. Sobre isso Foucault (1987), diz que: [...] “Ora, e sob essa forma que se descreve, e a meu ver ainda hoje, a maneira como o poder se exerce sobre os loucos, sobre os doentes, sobre os criminosos, sobre o desviante, sobre as crianças, sobre os pobres”. Descrevem-se em geral os efeitos e os mecanismos de poder que se exercem sobre eles como mecanismos e efeitos de exclusão, desqualificação de exílio, de rejeição, de privação, de recusa, de desconhecimento; ou seja, todo arsenal dos conceitos e mecanismos negativos da exclusão (FOUCAULT, 1987, p. 54).

Segundo o autor, essa maneira de inclusão/exclusão do indivíduo em seu meio social, é um mecanismo antigo, ou seja, desde os primórdios, é uma relação de poder que se manifesta nas relações sociais, controlando os corpos individuais e produzindo estruturas discursivas capazes de rejeitar aqueles considerados inadequados às normas do meio social (GOFFMAN, 1981, p.06).

Martin (1986) afirma que *Estigma*“ [...] é produto da aprendizagem, e é na intenção social onde se dá, geralmente, a estimulação ou iniciação do processo de aprendizagem social” (MARTIN, 1986, p. 147). E os possuidores dessa marca, geralmente “são pessoas desacreditáveis que são estabelecidas por outras pessoas em encontros sociais e em envolvimento afetivos” (MARTIN, 1986, p. 147).

Cada indivíduo constrói uma identidade num campo de tensão, visto que estas são obrigadas a seguir um padrão com regras definidas, tendo impacto sobre a produção da individualidade. Magalhães (2018, p.02) afirma que as identidades devem ser compreendidas como bem mais que uma realidade biológica ou psicossocial; está relacionado à elaboração conjunta de cada sociedade particular, ao longo da sua história, algo que tem a ver com regras e normas sociais, com o controle social e com as relações de poder” (MAGALHAES, 2018, p.02).

A normalização produz efeitos no campo das identidades, como por exemplo, a não aceitação das diferenças do outro, com atitudes de preconceito social, racismo, homofobia e misoginia.

As influências socioculturais podem demarcar suas ações dentro desse quadro de ocorrências, ao fazer com que os mesmos apregoem determinadas atitudes em função de como foram ensinados a agir, reflexo de padrões hegemonicamente construídos social e culturalmente, que se desencadeiam perseguições, humilhações, ataques físico/verbais, insultos e difamações para com aqueles que são vistos como “diferentes” (FRANCISCO; COIMBRA, 2015, p.186).

A forma de pensar e agir de cada indivíduo são constituídos por influências socioculturais. Quem não corresponde de modo positivo as formas de organização social, poderá ser *estigmatizado*, poderá sofrer com as mais variadas formas de repressão social. Goffman (2004, p.07) assim compreende esse processo:

A característica central da situação de vida, do indivíduo estigmatizado pode, agora, ser explicada. É uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de “aceitação”. Aqueles que têm relações com ele não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade social os haviam levado a prever e que ele havia previsto receber; ele faz eco e com essa negativa descobrindo que alguns de seus atributos a garantem. Como a pessoa estigmatizada responde a tal situação? Em alguns casos lhe seria possível tentar corrigir diretamente o que considera a base objetiva de seu defeito, tal como quando uma pessoa fisicamente deformada se submete a uma cirurgia plástica, uma pessoa cega a um tratamento ocular, um analfabeto corrige sua educação e um homossexual faz psicoterapia. (Onde tal conserto é possível, o que frequentemente ocorre não é a aquisição de um status completamente normal, mas uma transformação do ego: alguém que tinha um defeito particular se transforma em alguém que tem provas de tê-lo corrigido.) aqui, deve-se mencionar a predisposição à “vitimização” como um resultado da exposição da pessoa estigmatizada a servidores que vendem meios para corrigir a fala, para clarear a cor da pele, para esticar o corpo, para restaurar a juventude (como no rejuvenescimento através do tratamento com gema de ovo fertilizada), curas pela fé e meios para obter fluência na conversão. Quer se trate de uma técnica prática ou fraude, a pesquisa, frequentemente, secreta, dela resultante, revela, de maneira específica, os extremos a que os estigmatizados estão dispostos a chegar e,

portanto, a angústia da situação que os leva a tais extremos (GOFFMAN, 2004, p.07).

O autor destaca as situações que os *estigmatizados* estão dispostos a se submeter para chegar no ideal de aceitação pelos ditos “normais”. O ser estigmatizado consegue sentir os efeitos negativos em seu existir, sentem-se inferiores aos demais indivíduos, classificados como normais e com atitudes apropriadas para o meio em vivem. É nesse momento que a

violência se manifesta, “[...] se apropriando dos espaços onde a condição de normalidade é fundamental aos olhos, os estigmas e estereótipos são conjunturas que desembocam na violência sistematizada” (SILVA, 2017, p.06).

Desde o nosso nascimento são estabelecidos regras dentro da sociedade determinando normas para uma convivência social. O processo educacional é uma das principais ferramentas no processo de legitimação da violência, que “[...] está presente em vários setores sociais, sendo mais comum do que muitos pensam. Seja no âmbito familiar, escolar, ou até mesmo na reprodução de padrões e costumes sociais” (TIRADENTES, 2015, p.36).

Desse modo, “os processos de estigmatização e discriminação podem ser compreendidos como construções sócio-culturais características de grupos, locais e tempos distintos” (MONTE; VARGAS; FILHO; MATOS; SILVA; FERNANDES, 2009, p.03).

Pois, o indivíduo tem sua identidade construída segundo as normas vigentes na sociedade, com determinado aspectos culturais nos quais os estigmatizados são aqueles sujeitos que não se adequam aos parâmetros que regem a estrutura social a qual faz em parte.

Compreendemos identidade como bem mais que uma realidade biológica ou psicossocial; está relacionada à elaboração conjunta de cada sociedade particular, ao longo da sua história, algo que tem a haver com regras e normas sociais, com o controle social e com as relações de poder. (MAGALHAES, 2018, p. 02).

Para Goffman (2004), o *estigma* é uma identidade deteriorada, devendo, portanto, ser combatida e evitada, pois é tida como um mal dentro da sociedade. Segundo Cortella Apud Monte; Vargas; Filho; Matos; Silva; Fernandes (2009, p.03), “A escola pode tanto reforçar este processo como combatê-lo [...]”. Pois, é notável que, “[...] No momento em que toda essa diversidade cultural não é valorizada, tampouco respeitada, surgem os estigmas e discriminações com aqueles indivíduos pertencentes a grupos vulneráveis”.

Tais grupos sofrem tanto materialmente como social e psicologicamente os efeitos da exclusão, seja por motivos religiosos, de saúde, opção sexual, etnia, cor de pele, por incapacidade física ou mental, gênero, dentre outras características. Ser diferente, ser obeso, ser homossexual, ser negro, ser pobre, entre uma infinidade de outras características, passa a ser um fardo para tais indivíduos (MONTE; VARGAS; FILHO; MATOS; SILVA; FERNANDES, 2009,p.03

Segundo Damasceno (2004, 03), “[...] o *estigma* é uma forma de controle social, no qual seleciona-se de acordo com os princípios da sociedade o que se é adequado a luz do pensamento da época e o que é tido como anormal”. Dessa forma, o espaço escolar apresenta-se como um ambiente favorável para a consolidação desse controle social, pois direciona o aprendizado do conhecimento formal para a manutenção da ordem social vigente. Educação que muitas vezes ignora a diversidade cultural, religiosa e sexual existente na sociedade, por ser construída a partir de estruturas hegemônicas que anulam as diferenças em busca da construção de um indivíduo “normal”.

O espaço escolar constitui-se como um espaço onde os mais variados tipos de violência se manifestam. Segundo Bourdieu Apud Tiradentes (2015, p.34), “O ambiente escolar é um meio onde se verifica nitidamente a presença da violência [...]”, por o mesmo ser composto por uma diversidade de grupos sociais. De acordo com Nikodem e Piber (2011, p.106):

Levantamento realizado pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) em 2002, envolvendo 5875 estudantes de 5a a 8a séries, de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, revelou que: 40,5% desses alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de Bullying, naquele ano, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos/autores e 12,7% autores de Bullying. Estes números permitem pensar nas vivências de sofrimentos a que um número significativo de alunos estão submetidos cotidianamente (NIKODEM; PIBER, 2011, p.105).

Diante do exposto é possível perceber que a escola encontra-se como um dos locais a violência se manifesta em suas variadas formas. O fenômeno chamado de *Bullying* é uma dessas formas de violência. De acordo com Fante Apud Guareschi e Silva (2008):

A presença do fenômeno bullying na realidade escolar é incontestável e não possui, aparentemente, fatores determinantes, ou seja, independe da localização da escola, tamanho, turno escolar, séries iniciais ou finais, ou mesmo escola pública ou privada. Ele é responsável pela criação de um ambiente no qual predomina é um clima tenso, de medo e de perplexidade por parte das vítimas e também dos espectadores que, indiretamente, se envolvem nesta prática social sem saber o que fazer (FANTE Apud GUARESCHI e SILVA, 2008, p.50).

Os autores enfatizam que a presença da violência no ambiente escolar é algo irrefragável. Desse modo, alunos, professores e demais funcionários estão vulneráveis a ataques de violência, nesse espaço que supostamente acolhe as diferenças.

Na atualidade, diversos estudos procuram diagnosticar as possíveis causas do chamado *bullying* dentro do ambiente escolar. Diante disso, Cézar, Passos e Castilho (2017), advertem que: “as principais causas que alastram o *bullying* no espaço escolar são múltiplas e relacionam-se a fatores de ordem social, econômica, cultural, pessoal e midiática (os grandes ídolos criados pela sociedade e pelas mídias em geral)” (CÉZAR, PASSOS e CASTILHO, 2017, p. 795).

A existência do *bullying* na escola é muito comum, estando presente tanto em escolas públicas como em particulares. “É comum encontrar entre os adultos uma quantidade considerável de pessoas que traz consigo as marcas dos traumas que adquiriram nos bancos escolares” (NIKODEM; PIBER, 2011, p.106). Os efeitos dessas práticas são preocupantes, geram adultos com diversos complexos que podem ser prejudiciais a sua vivência em sociedade. De acordo com os estudos de Nikodem e Piber (2011, p.106), as implicações do *bullying* “são sequelas que se evidenciam pelos prejuízos em aspectos essenciais à realização na vida, como dificuldades de lidar com perdas, comprometimentos nas relações afetivas, familiares e sociais, ou no desempenho profissional”.

O *bullying* é um comportamento intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. Portanto, o conceito socialmente elaborado na atualidade, que é chamado *bullying* é um conceito que não expressa um fenômeno social novo. Ao trazer o conceito, temos que considera-lo na sua relação com a produção dos *estigmas* e da *violência simbólica*.

Inúmeros conflitos são identificados na escola, muitos deles envolvendo o fenômeno *bullying*, que vão, desde pequenas brincadeiras e apelidos, até ameaças e agressões que já chegaram a causar morte. Normalmente, o *bullying* concretiza-se em atos praticados contra aquelas pessoas que são consideradas frágeis, e incapazes de revidar, ou que carreguem algum tipo de estigma. A vítima “[...] é escolhida pelo agressor por características físicas, psicológicas ou afetivas que a tornam diferente das demais, como por exemplo, obesidade, uso de óculos, baixa estatura, cabelo, sardas, deficiência física etc” (CÉZAR, PASSOS, CASTILHO, 2017, pag.795).

O *bullying* é uma prática depreciativa que há muito tempo exercida, podendo ser percebido no interior dos espaços familiares, nas rodinhas de amigos na escola. Geralmente são atitudes “[...] mascaradas na forma de brincadeiras ou coisas da idade, o fato é que sempre existiu” (SILVA, 2017, p.07). Essas situações provocam no estigmatizado momentos de sofrimento, constrangimento e problemas psicológicos.

A visão estigmatizadora do “outro” abre precedentes aos mais variados crimes e atrocidades¹¹. Como no caso do racismo, por exemplo, que surge no contexto “[...] das sociedades humanas como um fenômeno quase universal, constituindo-se a partir da exclusão do outro, da total desvalorização dele, culminando na proliferação do ódio” (CASTORIADIS Apud MACHADO; NAPOLI, 2016, p.57).

A presença do fenômeno bullying na realidade escolar é incontestável e não possui, aparentemente, fatores determinantes, ou seja, independe da localização da escola, tamanho, turno escolar, séries iniciais ou finais, ou mesmo escola pública ou privada. Ele é responsável pela criação de um ambiente no qual predomina é um clima tenso, de medo e de perplexidade por parte das vítimas e também dos espectadores que, indiretamente, se envolvem nesta prática social sem saber o que fazer (FANTE apud NIKODEM; PIBER, 2011, p.107).

É incontestável a presença do fenômeno *bullying* no ambiente escolar, assim como, as dificuldades para superar os traumas causados por essas manifestações de intolerância para o “outro”. Esse tipo de violência dentro da escola manifesta-se em distintos momentos, como: “[...] manifestação de desrespeito, causado por alguns alunos que perturbam, tiram sarro, fazem fofocas, comentários e brincadeiras maldosas sobre a orientação sexual, religião, etnia, etc.” (STEDILE; CUNHA, 2018,p.02).

Portanto, a instituição escolar é um ambiente que produz conhecimento, um espaço de construção de identidade. Nesse ambiente convivem diversos tipos de personalidades “[...] são interações e os vínculos entre os vários atores que permitem uma aproximação das vivências e dos conflitos que possibilitam, dificultam os impedem a efetivação das garantias desses direitos” (ABRAMOVAY, 2009, p.19).

O surgimento de conflitos entre os sujeitos no ambiente escolar deriva-se da diversidade social, religiosa e cultural que transpassam o ambiente escolar, gerando a estigmatização do indivíduo. Desencadeando a manifestação de comportamentos como, indisciplina, desrespeito, agressividade, preconceito, racismo e homofobia.

¹ Cf. MACHADO, Vitor. NAPOLI, Paulo Henrique. Estigma e discriminação no ambiente escolar: uma proposta para a construção da práxis docente no ensino de sociologia. *Imagens da Educação*, v. 6, n. 2, p. 53-66, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v6i2.29911> Acesso em: 10/06/2018.

4. VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES E PROFESSORES DA ESCOLA UNIDADE INTEGRADA DR. GASTÃO DIAS VIEIRA, SÃO BERNARDO-MA

Neste capítulo irei analisar a percepção de doze alunos e seis professores do ensino fundamental maior da rede pública de ensino do município de São Bernardo – MA. Os sujeitos participantes da pesquisa são da escola Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira, que fica localizada no povoado Currais, no município de São Bernardo - MA. A escola funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno, abarca o ensino de 6º ao 9º ano do fundamental maior e o ensino na modalidade de Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). No período matutino se atende aos alunos de 6º e 7º ano, no vespertino funciona o 8º e 9º e no horário noturno o EJAI. No caso da pesquisa em foco, o público alvo corresponde a doze estudantes do 6º ano, com idade de 11 a 12 anos de idade, além de seis professores que atuam no período matutino.

Desse modo, essa pesquisa procura refletir sobre como se estrutura a violência, conhecida como *bullying*, dentro do ambiente escolar, e como professores e alunos percebem as ocorrências desse fenômeno. A aplicação dos questionários foi realizada no mês de Junho de 2018, as respostas fornecidas pelos professores e alunos seguem organizadas e transcritas, acompanhadas de análise.

4.1 O município de São Bernardo -MA

A escola analisada encontra-se localizada na zona rural da cidade de São Bernardo - MA, que possui uma população de 28.020 mil habitantes, conforme censo de 2016. Localizada no Baixo Parnaíba, região nordeste, encontra-se entre as cidades de Santa Quitéria - MA, Magalhães de Almeida - MA e Luzilândia - PI, com extensão territorial de 1.006, 920 km.

A cidade tem esse nome, em razão da chegada dos padres Jesuítas no século VIII, no ano de 1700, trazendo consigo a imagem do Santo Bernardo Claraval. Iniciou-se então, uma catequização dos habitantes daquela época, os índios, que em sua trajetória, chegaram à margem de um rio, no qual o chamaram de Rio Buriti. De acordo com os escritores da região, porém, não existe nenhuma pesquisa acadêmica, mais aprofundada que relate este processo histórico.

Embora não exista ainda nenhum estudo acadêmico voltado diretamente à história da formação desse município, as versões sobre sua formação histórica provêm em sua maioria dos escritores da terra consideradas importantes na localidade como: Nonato Vaz, Charif Sabry, Maria de Lourdes Serra e José Coutinho de Almeida (SILVA, 2016, p.42).

Portanto, a história da cidade de São Bernardo, foi construída através de fragmentos, sendo reunidos testemunhos orais, em que os escritores da época procuravam marcas e sinais, além de bens materiais, como por exemplo, a igreja matriz, que é uma torre para fazer suas adorações ao Santo Bernardo de Claraval, na qual foi construída em 1798, que atesta então a permanência dos Jesuítas. De acordo com Sousa:

Muito se tem especulado sobre o marco inicial da civilização no território em que hoje se encontra instalado o município de São Bernardo. Entretanto, nada se pode afirmar categoricamente, em vista da ausência de documentação. Permanece a tradição de que as primeiras investidas no território municipal se processaram através dos padres jesuítas, no século XVIII. Realmente, no ano de 1700, impulsionados pelo sublime ideal de conquistar almas e difundir a religião católica, os Jesuítas lançaram-se à tarefa de catequizar índios, para que tiveram desembrenhar por densas florestas e inóspitas paragens Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão (SOUSA, 1970,p.225).

Os principais meios de sobrevivência naquela época eram através da lavoura, na qual era cultivado, o feijão o milho a mandioca, laranja, banana, entre outras, além da cana-de-açúcar, castanha de caju, assim como o uso da carnaúba, o tucum e o coco babaçu.

São Bernardo é uma cidade situada entre rios e lagoas, sendo o seu Rio Buriti, sua fonte de abastecimento em toda cidade. Ao redor existe também o rio Parnaíba, na divisa entre São Bernardo e Luzilândia e a Lagoa do Bacuri, divisa entre São Bernardo e Magalhães de Almeida, sendo que são muito usados para a pesca, contribuindo para a sobrevivência da população daqueles povoados próximos, conforme enfatiza a autora:

Com relação aos aspectos ambientais, São Bernardo encontra-se em uma região de cerrado, com várias lagoas e um rio que corta a cidade. O Rio Buriti abastece de água a cidade, sendo que o mesmo é navegável por pequenas embarcações (SILVA, 2016,p.43).

Atualmente, há grandes mudanças, devido ao crescimento da cidade, hoje já existe aproximadamente uma população de 28.020 mil habitantes, distribuídas entre sede e povoados do município. Uma cidade com uma extensa movimentação de pessoas dos povoados e cidades vizinhas, fato esse em razão do comércio local uma das principais fontes geradoras de

emprego, além da Prefeitura da cidade. A cidade de São Bernardo-MA, abrange os povoados de Currais, Porções, Enxu, Baixa Grande, Cajueiro, São Raimundo, Coqueiro,

Mombaça, Borrachudo, Marrecas, Pedrinhas, Entroncamento, Porto Formoso, Formosa, Nova Esperança, entre outros.

Na área da educação, houve também um avanço significativo, desde que foi criada a Secretaria de Educação, a partir então foram construídas muitas escolas, distribuídas entre a cidade e os povoados, abrangendo um grande número de alunos.

De forma que o município foi se modificando e progrediu graças ao trabalho dos atuais administradores e das pessoas que melhoram sua educação, sendo que, no dia 20 de novembro de 1980, foi criada a Secretaria de Educação e Cultura pela Lei municipal de nº 178, para melhor coordenar a educação (SILVA, 2016, p.44).

Atualmente, na área da educação, a cidade de São Bernardo, conta com 13 (treze) instituições escolares do ensino fundamental, as quais são: Escola Santa Rita, Saci Pererê, Raimundo Machado Filho, Raimundo Poincaré de Sousa, I. E. Cônego Nestor de Carvalho Cunha, Escola João Sebastião de Almeida, Escola Maria Elisabeth de Almeida Lima, Escola Monteiro Lobato, Escola Nilza Coelho Lima, Coriolano Coelho de Almeida, sendo 3(três) creches nas quais são creche Bibi, Pré-Escolar Branca de Neve, Creche Nova Infância, o município consta também com 2(duas) escolas estaduais Deborah Correia Lima e Dr. Henrique Couto, funcionando o ensino médio, assim como também uma de ensino superior, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Existem também 03(três) escolas particulares Escola Centro de Ensino Menino Jesus, Escola Arco-iris e a Instituição IBEC.

4.2 A Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira

No dia 11 de julho de 2018, quarta-feira, direcionei-me a Escola U. I. Gastão Dias Vieira, localizada no Povoado Currais, na Zona Rural, do município de São Bernardo - MA, para fazer a pesquisa aplicando um questionário aos professores e alunos. O acesso à escola devido a minha rede de relações, pois conhecia a diretora e havia realizado um estágio nesta escola, conhecendo um pouco a dinâmica desta.

A escola funciona em períodos matutino, vespertino e noturno, funcionando do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e pela noite a modalidade de Educação Jovem, adulto e Idoso (EJAI). A estrutura da escola é ampla, contendo 6 salas de aula espaçosas, com ventiladores em cada uma, com corredores que dão acesso a todas as salas, um bebedouro, uma cantina, uma secretária, com três banheiros, dois para os alunos e um na secretaria para os professores e uma

quadra grande ainda não coberta. Os professores, na sua maioria, moram em outras localidades, inclusive em outros estados, que se locomovem todos os dias a esta escola. A grande maioria dos/das alunos/as reside em zonas rurais próximas a escola estudada.

Chegando à escola, fui recebida pela diretora e pela responsável adjunta, professores e demais funcionários. Explanei o objetivo da minha pesquisa e distribuí o questionário, obtive rejeição de dois professores do sexo masculino, das disciplinas de Português e Matemática, que disseram que iam deixar para os outros responderem. Mas, os demais se prontificaram a responder, seis professores, três do sexo feminino e três do sexo masculino. Na semana que fui aplicar o questionário, os professores estavam bastante ocupados por conta da semana de avaliações, por isso, deixei os questionários para que respondessem com calma, voltando no dia seguinte para recebê-los, no qual obtive êxito.

Foto 1- Foto da frente da escola U.I. Dr. Gastão Dias Vieira



Fonte: Autora, 2018.

Foto 2- Foto da área interna da escola.



Fonte: Autora, 2018.

Foto 3- Foto do pátio da escola



Fonte: Autora, 2018.

A escola é ampla, possui (6) seis salas de aulas, (1) um corredor que dá acesso a todas as salas, (1) um corredor que dá acesso as salas, (1) uma cantina, (1) secretaria, 3 (três) banheiros, 1(uma) quadra de boa estrutura.

A Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira, pertence à rede pública do ensino do município de São Bernardo, funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, pela manhã 6º ao 7º, pela tarde 8º ao 9º e à noite Ensino de Jovens, Adultos e idosos (EJAI). A escola é composta por 22(vinte e dois) docentes, 10 (dez) profissionais entre porteiros, merendeiras e zeladores, distribuídos nos (3) três turnos, com uma 1 secretaria e diretora adjunta.

Com relação aos/às alunos/as do 6º A, apliquei os questionários após o término das avaliações, explicando as questões e esclarecendo suas dúvidas.

4.3 Percepções de alunos/as

A partir da observação de campo e dos questionários, identifiquei o seguinte perfil dos/das alunos/as:

Quadro 1 – Perfil dos alunos entrevistados:

Nome	Idade	Religião	Gênero	Localidade
Aluno A	11	Católica	Feminino	Povoado Santa Maria
Aluno B	11	Católica	Masculino	Povoado Currais
Aluno C	11	Evangélica	Feminino	Povoado Beira do Rio
Aluno D	12	Evangélica	Feminino	Povoado Nova Esperança
Aluno E	12	Católica	Feminino	Povoado Currais
Aluno F	11	Católica	Feminino	Povoado Currais
Aluno G	11	Católica	Masculino	Povoado Currais
Aluno H	12	Católica	Feminino	Povoado Anajarzinho
Aluno I	12	Católica	Feminino	Povoado Currais

Aluno J	11	Católica	Masculino	Povoado Currais
Aluno K	11	Evangélica	Masculino	Povoado Engenho Velho
Aluno L	11	Católica	Feminino	Povoado Estiva
Aluno M	11	Católica	Feminino	Povoado Santa Maria
Aluno N	11	Católica	Feminino	Povoado Beira do Rio

Fonte: Pesquisa de Campo – Aplicação de questionário com os/as alunos/as da escola Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira, no mês de Junho de 2018.

Baseado nos dados expostos acima se tem um perfil dos quatorze alunos criança/adolescente participantes do estudo. Permitindo uma análise mais apurada das percepções desses acerca do fenômeno bullying na escola. Inicialmente irá se atentar a informações como: local de moradia, idade, gênero e religião. Foram entrevistados 14 alunos.

Os dados acima mostram que os alunos/as entrevistados/as estão entrando na fase da adolescência conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sendo que 10 (dez) dos entrevistados estão com 11(onze) anos, somente 4 (quatro) estão com 12(doze) anos, todos estão adentrando na fase dapré-adolescência¹.

No total, foram entrevistados quatorze alunos, sendo quatro (04) do sexo masculino, e dez (10) do sexo feminino. Com relação à vinculação religiosa, 11(onze) dos entrevistados se denominaram de religião católica e somente 03(três) denominaram-se evangélicos.

Sobre o local onde moram seis (06) vivem no povoado Currais, local em que se encontra a escola, e os demais estão distribuídos entre as regiões vizinhas, como, Santa Maria, Beira do Rio, Anajazinho, Engenho Velho, Estiva e Santa Maria.

Sobre a percepção que os alunos possuem em relação a como o *bullying* se expressa na escola, obtive as seguintes respostas:

Quadro 2 – Percepções dos alunos sobre o *bullying*

Nome	Na sua percepção, há bullying na escola?	Como o bullying se expressa?	Você já passou/sofreu por algum tipo de bullying?	Qual o tipo de violência?	Você já presenciou algum tipo de violência?	Você já praticou algum tipo de bullying?
Aluno A	Sim	Pelo preconceito	Sim	Violência verbal	Não	Não
Aluno B	Sim	Pelos apelidos	Sim	Violência verbal	Não	Não
Aluno C	Sim	Pelos apelidos	Não	Não tive nenhuma violência.	Não	Não
Aluno D	Sim	Pelos apelidos	Sim	Violência verbal	Sim	Não
Aluno E	Sim	Pelos apelidos	Sim	Violência física	Não	Sim
Aluno F	Sim	Pelos apelidos	Sim	Violência verbal	Sim	Não
Aluno G	Sim	Pelos apelidos	Sim	Violência verbal	Sim	Sim
Aluno H	Sim	Pelos apelidos	Não	Violência verbal	Sim	Não
Aluno I	Sim	Pelos apelidos	Sim	Violência verbal	Não	Não
Aluno J	Sim	Pelos apelidos	Sim	Violência verbal	Não	Não
Aluno K	Sim	Pelos apelidos	Não	Não tive nenhuma violência.	Sim	Não
Aluno L	Sim	Pelos apelidos	Sim	Violência verbal	Não	Não
Aluno M	Sim	Pelo preconceito	Sim	Violência verbal	Não	Não
Aluno N	Sim	Pelos apelidos	Sim	Violência física	Sim	Sim

Fonte: Pesquisa de Campo – Aplicação de questionário aos alunos da escola Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira.

É visível a presença da violência nas escolas, como o quadro acima sinaliza em que podemos observar as mais diversas expressões.

Na pesquisa, perguntei se há *bullying* na escola, todos os 14 (quatorze) participantes entrevistados responderam que sim. Como podemos observar, todas as respostas acima, foram afirmativas, os alunos entrevistados admitiram que essa prática se faz presente no cotidiano escolar. Quando questionados, em sua percepção se há *bullying* na escola, responderam que:

Aluno A – “*Sim, apelidar os outros*”.

Aluno B – “*Sim*”.

Aluno C – “*Sim*”.

Aluno D – “*Sim, porque as pessoas são muitos com as pessoas ficam apelidando as outras, como baleia, cabelo de bombril e outros nomes*”.

Aluno E – “*Sim, porque eles apelidam muito, eu não participei para o professor, eles choram, chigam muito, eles são muito chatos*”.

Aluno F – “*Sim, porque os alunos ficam apelidando os outros de bombril, baleia, cheirosa porque amenina vem desarrumada e por isso eles chamam ela de cheirosa e também selada e cacunda*”.

Aluno G – “*Sim*”.

Aluno H – “*Sim, porque os alunos apelidam muito*”.

Aluno I – “*Sim, já aconteceu chamam as pessoas de gordo, preto, baleia, cabelão de temolona*”.

Aluno J – “*Sim*”.

Aluno K – “*Sim, a maioria dos alunos xinga o outro, um chama o outro de gordo, galeção*”.

Aluno L – “*Sim, já aconteceu na minha escola que eu estudo tem um menino que chama os outros de baleia, negro, isso é muito feio, isso é bullying*”.

Aluno M – “*Sim, já aconteceu na sala que estudo, chama o outro de negro, preto, baleia, feio, pau no cu, isso é bullying*”.

Aluno N – “*Sim, muitos, os meninos não respeitam os outros*”.

Os alunos responderam que existe *bullying* no seu ambiente escolar, que está presente através de apelidos, como *gordo, preto, baleia, bombril, cheirosa*, que os colegas “não respeitam uns aos outros”. Pode-se observar isso, quando eles falam sobre as formas como o *bullying* se expressa no ambiente escolar, os mesmo disseram que:

Aluno A – “*Por causa do preconceito*”.

Aluno C – “*Sim, o nome dela é Maria Clara o apelido é Potchó*”.

Aluno D – “*Porque eles são muito salientes e gostam de apelidar os outros*”.

Aluno E – *“Porque os meninos eles apelidam de baleia, cacunda, jumenta, nanica”.*

Aluno F – *“Porque os meninos são salientes e querem apelidar toda hora as pessoas”.*

Aluno G – *“Porque me chamaram de negro e minha mãe de aleijada, só porque ela é deficiente”.*

Aluno H – *“Porque os meninos gostam de apelidar uns aos outros e eles são muito salientes”.*

Aluno I – *“Expressa, não pode chamar as pessoas de negro”.*

Aluno J – *“Por nomes e apelidos”.*

Aluno K – *“Não tem como ficar alegre as pessoas sempre fica triste”.*

Aluno L – *“Expressa de violência e preconceito, falsidade tem gente quer ser amigo na hora que brigar”.*

Aluno M – *“Expressa de violência e preconceito e falsidade”.*

Aluno N – *“Eles são muito mal educado e isso deixa a gente triste”.*

A análise dos dados mostra que a violência escolar está muito presente no seu cotidiano, conforme afirmado por eles, em que os conflitos são visíveis. Os entrevistados afirmam que se sentem desconfortáveis com os apelidos e xingamentos, sendo o mais praticado na sala de aula. “(...) são inúmeros as formas de violência velada que enfrentam muitos de nossos alunos, dentre elas humilhações, gozações, ameaças, imputação de apelidos constrangedores, chantagem, intimidações” (FANTE, 2011, p. 16).

Abaixo, mais falas dos adolescentes reforçam:

Aluno A – *“Sim, porque já me chamaram de gogosão de cara larga”.*

Aluno B – *“Sim, já sofri bullyng”.*

Aluno C – *“Não”.*

Aluno D – *“Sim, porque os meninos ficam me apelidando”.*

Aluno E – *“Sim, cacunda e feiosa”.*

Aluno F – *“Sim, porque os meninos só ficam me apelidando”.*

Aluno G – *“Sim”.*

Aluno H – *“Não”*

Aluno I – *“Já Sim”*

Aluno J – *“Sim”.*

Aluno K – *“Não”.*

Aluno L – *“Já me chamaram de baleia, eu fiquei muito triste, eu chorei muito, isso é bullying”.*

Aluno M – *“Sim, porque me apelidaram por preconceito”.*

Aluno N – *“Sim”.*

Perguntado se já sofreram esta prática, 11(onze) alunos afirmaram que sim, e o que mais incomodam são os apelidos, que os deixam constrangidos, chegando ao ponto de causar sofrimentos, como tristeza e choro. Quando questionados sobre os tipos de violência vivenciados por eles, disseram:

Aluno A –“*Falsidade e preconceito*”.

Aluno B –“*Apelidos*”.

Aluno C –“*Não*”.

Aluno D –“*Violência Verbal, tipo apelido de bombril, macarrão e muitos outros*”.

Aluno E –“*Bate eu choro*”.

Aluno F –“*Violência verbal, tipo de apelido, me chamar de baleia*”.

Aluno G –“*Negro*”.

Aluno H –“*Violência Verbal*”.

Aluno I –“*Me chamam de falsa*”.

Aluno J –“*Apelido*”.

Aluno K –“*Não tive nenhuma violência*”.

Aluno L –“*Falsidade e preconceito*”.

Aluno M –“*Me chamam de gogosaõ*”.

Aluno N –“*Empurrão, murro*”.

Houve diversos relatos de que a prática se manifesta através da violência verbal entre apelidos e xingamentos, incluindo preconceito racial; dois dos entrevistados afirmaram que já sofreram violência física, como também.

Os alunos foram perguntados se já presenciaram algum tipo de violência:

Aluno A - “*Não*”.

Aluno B –“*Não*”.

Aluno C –“*Não*”.

Aluno D –“*Sim na sala de aula*”.

Aluno E - “*Não*”.

Aluno F –“*Já sim, na sala de aula*”.

Aluno G –“*Já, porque fizeram bullying com minha mãe*”.

Aluno H –“*Sim, foi na sala de aula*”.

Aluno I –“*Não, nunca vi isso*”.

Aluno J –“*Não*”.

Aluno K –“*Uma vez vi um primo brigando com outro menino*”.

Aluno L – “*Não*”.

Aluno M – “*Não*”.

Aluno N – “*Sim*”.

Com esses dados, é perceptível a dificuldade daqueles que são estigmatizados “(...) enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que tem atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser – incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável” (GOFFMAN, 1981, p. 4). Surge então, uma grande dificuldade de convívio no espaço escolar, que é um espaço de construção de identidade, e marcada por suas diferenças, mas que os desvios produzem exclusão. De acordo com os dados da pesquisa, é visível o desconforto diante das situações desagradáveis que alguns alunos relataram sobre a dificuldade de se relacionar com os colegas.

Os dados coletados acima mostram que 06 (seis) dos alunos entrevistados disseram que já presenciaram o ato praticado em sala de aula, em que 09 (nove) alunos disseram que nunca presenciaram alguma cena de violência. Quando questionados se já praticaram tal ato:

Aluno A – “*Não*”.

Aluno B – “*Não*”.

Aluno C – “*Não*”.

Aluno D – “*Não eu nunca pratiquei bullying*”.

Aluno E – “*Sim*”.

Aluno F – “*Não, nenhum tipo de bullying*”.

Aluno G – “*sim*”.

Aluno H – “*Não*”.

Aluno I – “*Não*”.

Aluno J – “*Não*”.

Aluno K – “*Não*”.

Aluno L – “*Não, eu nunca fiz isso*”.

Aluno M – “*Não*”.

Aluno N – “*Sim*”.

Destaco alguns motivos alegados por eles: “prazer” em apelidar os pais dos colegas, muito “sem motivo algum” ou “por achar divertido”. Na análise das respostas, alguns afirmaram que não viram práticas de violência ou nunca presenciaram o que nos mostra uma naturalização da violência no cotidiano escolar.

Segundo Fante e Pedra (2008, p.12) “os ataques bullying não acontecem em decorrência de uma causa reativa, pois não surgem de uma discussão, conflito ou briga entre dois ou mais indivíduos”. Muitas das vezes, “[...] os que praticam bullying elegem um colega que tenha em seu aspecto físico ou psicológico traços que denunciam ser ele uma presa fácil aos ataques”(FANTE;PEDRA, 2008, p.12). Que seja uma pessoa que, deixa claro em suas atitudes que não terá coragem para revidar ou denunciar ou motivar outros em sua defesa. Desse modo, o *bullying* origina-se da recusa a uma diferença, da intolerância, do desrespeito ao outro (FONTE; PEDRA, 2008, p.12). Outra hipótese com que trabalho, é a naturalização da violência na escola, por parte dos/das alunos/as. Percebo também que a ideia de violência está circunscrita à violência física; a linguagem não é vista como uma expressão da violência.

4.4 Percepções dos professores

Com relação aos professores, faço um levantamento do perfil dos seis professores participantes do estudo, com informações como: cidade, idade, gênero, área de formação, estado civil e religião.

Quadro 3 – Perfil dos professores entrevistados

Nome	Graduação	Sexo	Religião	Estado Civil	Idade	Localidade
Professor A	Língua Portuguesa	Masculino	Não Respondeu	Casado	41 anos	Milagres do Maranhão
Professor B	Pedagogia / Filosofia	Feminino	Evangélica	Casada	44 anos	Povoado Porções
Professor C	Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa	Feminino	Católica	Solteira	38 anos	Povoado Currais
Professor D	História/ Filosofia	Masculino	Religião de Deus	Solteiro	30 anos	Santa Quitéria do Maranhão
Professor E	Língua Portuguesa	Masculino	Católica	Casado	62 anos	Parnaíba-PI
Professor F	Ciências da Natureza/ Química	Feminino	Católica	Solteira	30 anos	São Bernardo-MA

Fonte: Pesquisa de Campo – Aplicação de questionário aos professores da escola Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira.

Com base nos dados do Quadro 3, os participantes da pesquisa são 6 (seis) professores que atuam do 6º ao 9º ano, da rede pública de ensino de São Bernardo – MA. No total são seis professores, sendo 3 (três) do sexo masculino e 3 (três) do sexo feminino. Destes professores, três (3) pertence à religião católica, uma (1) é evangélica, um (1) não respondeu e um (1) se denominou adepto da “religião de Deus”.

Com relação à área de formação, temos três (3) professores com formação em Língua Portuguesa, um (1) licenciado em Ciências da Natureza/ Química e dois (2) professores que possuem duas graduações. Todos os professores entrevistados possuem especialização na área educacional. Acerca do estado civil dos entrevistados, três (3) são casados e três (3) são solteiros.

Ainda com base nos dados acima, temos professores com idade que variam entre trinta (30) anos a sessenta e dois (62) anos de idade. Sobre a localidade onde os mesmos moram, estão divididos entre as cidades de Milagres do Maranhão, Parnaíba – PI, São Bernardo – MA e Santa Quitéria do Maranhão, além dos povoados Currais e Porções. Ou seja, o corpo docente é formado tanto por professores que moram nas proximidades da escola, como, por aqueles que, enfrentam um trajeto mais longo até a escola.

Sistematizo as respostas dos professores no quadro abaixo, quando perguntados sobre como percebem a violência, em suas múltiplas expressões, no cotidiano escolar:

Quadro 4 – Percepções dos professores sobre o *bullying*

Nome	Na sua percepção, há bullying na Escola? Se sim, Como se expressa?	Qual Orientação (Formação) que a escola fornece aos professores sobre a temática: Qual o procedimento a ser tomado?	Quais são os tipos de comportamentos mais observados no autor(a) na prática do Bullying?	Quais os tipos de comportamentos mais observados na vítima no/na aluno/a?	Como você vê o papel da Escola nesse processo? Ou enfrentamento a esta prática?
Professor A	Sim	Não há formação/orientação	Agressividade	Tristeza/Isolamento	Não há um projeto político de prevenção.
Professor B	Sim	Aconselhar os alunos	Agressividade	Reagem com mesma agressão	A escola tem dificuldade de trabalhar essas questões.

Professor C	Sim	Aconselhar os alunos	Agressividade	Tristeza/Isolamento	Chama-se a família para conservar sobre os casos de agressão.
Professor D	Não	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
Professor E	Não	Nenhuma	Agressividade	Nenhum	É dever da Direção procurar as autoridades competentes.
Professor F	Sim	Aconselhar alunos/pais	Indisciplina	Tristeza/Isolamento	A escola deve estar atenta ao comportamento dos alunos.

Fonte: Pesquisa de Campo – Aplicação de questionário aos professores da escola Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira.

Com base nos dados do Quadro 4, torna-se possível a formulação de um panorama que evidencie as percepções que os professores têm sobre a violência no ambiente escolar. No “ambiente escolar são diversas as manifestações de violência, algumas afetam os professores, outras os funcionários e, na sua maioria, os alunos em suas diversas faixas etárias” (BARROS; CARVALHO; PEREIRA, 2009, p.5740).

Perguntei como os professores percebiam o *bullying* na escola:

Professor A – “*Sim, através de apelidos e palavras ofensivas*”.

Professor B – “*Sim, Se expressa de forma aberta todos os dias, desde apelidos ao próprio aluno ou até apelido aos pais*”.

Professor C – “*Sim, Conversa-se com o aluno em particular sobre qualquer tipo de preconceito presenciado no ambiente escola*”.

Professor D – “*Não*”.

Professor E – “*Não*”.

Professor F – “*Sim. Geralmente ocorre por apelidos ofensivos levando ao constrangimento*”.

Dos seis (6) professores quatro (4) disseram presenciaram o *bullying* na escola. Sendo que dois (2), relataram que não ocorre incidências. Sobre essa afirmação dos dois professores que ignoram a possibilidade de atos de violência relacionados ao *bullying*, “não é dizer que não exista violência nas escolas. Ela existe. É expor que existem algumas distinções que permitem inserir certa ordem na classificação dos fenômenos da violência na escola” (SANTOS, 2011, p. 28). De fato, tais distinções auxiliam no procedimento de profissionais ao

se deparar com determinadas ramificações de violência, ou seja, com isso cada situação teria lugares e formas de tratamento diferentes².

Acerca dos tipos de comportamentos mais observados no cotidiano da escola, os professores destacam:

Professor A – *“Agressividade, observa-se também um “certo” prazer em praticar tal comportamento”*.

Professor B – *“Apelidos, quanto ao físico, cor, religião e outros. Muitas das vezes o aluno que apelida faz isso sem nenhum tipo de rancor. Mas, algumas vezes fazem isso com rancor”*.

Professor C – *“Os apelidos são retribuídos por partes dos alunos”*.

Professor D – *“Não respondeu”*.

Professor E – *“Quando há se observa agressividade física e psicológica”*.

Professor F – *“Tem um comportamento de oposição, de desafio à autoridade dos adultos, incluindo pais e professores, tem dificuldades em obedecer às regras. Sente-se superior quando pratica bullying”*.

Quatro (4) dos professores disseram que o comportamento mais comum é a reação agressiva, seja ela física ou através de gestos e palavras. Um (1) professor ficou sem responder, e um (1) disse que são concretizados por meio de apelidos.

Já quando são interrogados acerca sobre os tipos de comportamentos mais observados no aluno/as que é vítima, os entrevistados destacaram:

Professor A – *“Isolamento, tristeza acompanhamento do aluno”*.

Professor B – *“O aluno que sofre bullying as vezes não se irrita, mas a maioria das vezes se irrita e reage com a mesma prática”*.

Professor C – *“Apelidos devido a cor, peso, tamanho e xingamento sobre a família”*.

Professor D – *“Não respondeu”*.

Professor E – *“Nenhum”*.

Professor F – *“Ficam tristes, com medo e isolados”*.

Segundo as respostas dos professores, os comportamentos mais comuns são o isolamento e tristeza, mas, em algumas situações a vítima reage com a mesma prática violenta com seu agressor. Segundo Fante e Pedra (2008, p.12) as emoções que são despertadas nas vítimas, dependerão da estrutura psicológica de cada sujeito. Pois, “[...] o bullying poderá mobilizar ansiedade, tensão, medo, raiva reprimida, angústia, tristeza, desgosto, sensação de impotência e rejeição, mágoa, desejo de vingança e pensamento suicida, dentre outros”. Mas, para uma compreensão precisa de tais sentimentos é necessário, “[...] pensar nos tipos de

² Cf. SANTOS, Alessandra Cardoso. Violência no contexto escolar: breve análise do enfrentamento da violência na escola municipal, Profª Eufrosina Miranda. (Monografia), Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2011.

construções inconscientes de cadeias de pensamentos que serão construídas na memória da vítima e suas implicações para o desenvolvimento da autoestima, da socialização e do aprendizado” (FANTE E PEDRA, 2008, p.12).

É perceptível a caracterização de um desequilíbrio de poder existente entre as atitudes da vítima e do agressor. Como é demonstrado nos estudos de Fante e Pedra (2008):

O desequilíbrio de poder é caracterizado pelo fato de que a vítima não consegue defender-se com facilidade independente da sua idade ou estatura física, nem motivar outros para que a defendam. Geralmente, os ataques são produzidos por um grupo de agressores, o que reduz as possibilidades de defesa das vítimas. As estratégias de ataque normalmente são ardilosas e sutis, expondo as vítimas à vergonha e ao constrangimento público. Entre os praticantes de bullying evidências e a insegurança pessoal, por isso a escolha das vítimas é feita, preferencialmente, contra aqueles que não dispõem de habilidades de defesa. Outro fator que se evidencia é a habilidade de liderança, de influência e de persuasão. Normalmente, os bullies são muito habilidosos em sair-se bem de situações difíceis, especialmente quando indagados sobre seus atos agressivos (FANTE; PEDRA, 2008,p.11-12).

Partindo desse pressuposto, isso me leva a retomar minha hipótese de pesquisa. Parto da ideia de que há uma naturalização da violência: situações cotidianas são vistas como normais, as quais levam alguns professores entrevistados a dizerem que nunca presenciaram violência, ou mesmo relativizá-la.

Nesse sentido, tornou-se necessário analisar que tipo de orientação/formação a escola fornece aos professores sobre a temática, Sobre isso, os professores dizem que:

Professor A – *“Até agora não houve. Participação efetiva da secretaria de ação social”.*

Professor B – *“Os professores são orientados a sempre conversarem aconselhando os alunos”.*

Professor C – *“Quando é observado quaisquer atitudes tanto a gestão quanto os professores é solucionado através do diálogo em sala de aula ou na diretoria antes de partir para agressão física”.*

Professor D – *“Não respondeu”.*

Professor E – *“Nenhum, visto que na escola não se observa bullying”.*

Professor F – *“Conversar com os alunos e com os pais para explicar a situação e tentar da melhor maneira possível resolver o problema”.*

Sobre esse questionamento, um (1) professor não respondeu; outro professor disse que não há a necessidade para a implantação de medidas socioeducativas, já que, na escola não se observa bullying. Um (1) outro professor mencionou que até o momento não houve qualquer

tipo de orientação por parte da gestão da escola ou da secretaria de ação social do Município de São Bernardo-MA. Somente três (3) professores mencionados afirmaram que ocorre uma orientação que preza o aconselhamento dos alunos, assim como o estabelecimento de um diálogo entre professores, pais e alunos, com o intuito de prevenir contra a ocorrência de agressões físicas.

Com relação à ausência de preparação do corpo docente para o diagnóstico e prevenção do bullying, Fante e Pedra (2008) apontam:

A maioria das escolas não está preparada para discutir a questão. Educar para a diversidade é dever de todas as instituições de ensino, porém o despreparo de muitos professores e funcionários acaba por prejudicar ainda mais a questão. Alguns reproduzem o preconceito, fazendo piadinhas, imitações, insinuações e brincadeiras dentro e fora das salas de aula. As consequências de um ensino omissivo ou homofóbico são inúmeras e graves, uma vez que a escola interfere decisivamente na formação do indivíduo. Se os adultos, na família ou na escola, demonstram preconceito e desferem contra os homossexuais as mais variadas formas de maus-tratos, certamente os jovens adotarão os mesmos procedimentos. Nos Estados Unidos, segundo a revista Time, o número de entidades que auxiliam alunos gays nas escolas americanas passou de 100 em 1997 para 3 mil em 2005. No Brasil, o tema começa a ser discutido nas escolas, todavia, carece de reflexões profundas e de busca de soluções conjuntas e permanentes. Como educadores, devemos ensinar e aprender o respeito às diferenças individuais de cada ser, bem como que a homofobia é crime previsto em lei (FANTE; PEDRA, 2008,p.13).

De acordo com as respostas dos professores, é possível notar a ausência de medidas educativas que visem à prevenção de tais atos dentro do ambiente escolar. Partindo disso, interrogou-se aos professores sobre como eles veem o papel da escola nesse processo para o enfrentamento desta prática.

Professor A – *“Não há uma política de prevenção muito menos de combate”.*

Professor B – *“A escola encontra muita dificuldade, pois tem muitos alunos indisciplinados, ou seja, ou seja, não tem limite”.*

Professor C – *“É chamado a família para participar do acontecimento de ambas as partes para ser resolvido os conflitos que há entre os alunos”.*

Professor D – *“Não respondeu”.*

Professor E – *“Havendo bullying na escola, o dever da direção é procurar as autoridades competentes para que se extermine essa prática”.*

Professor F - *“A escola deve estar atenta ao comportamento dos alunos, buscando sempre o apoio dos pais”.*

Diante das respostas observa-se que parte dos professores admite que a escola possua um papel de importância no enfrentamento das ocorrências de bullying, e ao mesmo tempo, há uma percepção de escola como um espaço que reproduz violência e que não acolhe a diversidade. Nesse sentido, “[...] a escola tem um papel fundamental na sua redução por meio de ações e programas preventivos buscando parcerias com as famílias dos alunos envolvendo-os com o problema” (BARROS; CARVALHO; PEREIRA, 2009, p.5752).

Desse modo, a escola deve estar atenta para ouvir e dar atenção às reclamações e depoimentos e denúncias dos alunos quando estas se referem à violência. Além disso, “[...] torna-se fundamental que cada escola se constitua uma comissão ou equipe que possa articular políticas preventivas e capacitar seus profissionais para atuar de forma segura sem correr riscos” (BARROS; CARVALHO; PEREIRA, 2009, p.5752).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa qualitativa e quantitativa, na escola campo, verifica-se que a violência na escola se manifesta com frequência, geralmente, por meio de agressões verbais como apelidos. Tendo como principal motivo o instinto preconceituoso e racista relacionados à aparência física.

Com base nos dados obtidos junto aos discentes, percebe-se que os alunos afirmam ter presenciado ou já sofreram algum tipo de agressão na escola. No entanto, ainda há certa dúvida quanto ao entendimento das definições do conceito dessa violência, não sabem compreender determinados tipos de manifestação, sendo vistas com naturalidade.

Para os docentes, o bullying está presente no ambiente escolar sendo praticado através de atos como xingamentos, apelidos, provocações e palavras ofensivas. As vítimas são pessoas retraídas, tristes e às vezes estressadas, revidam em determinados momentos em razão de estarem cansados de serem humilhados e quando acontece, são tomadas medidas para solucioná-las, que vão desde o diálogo em sala de aula até reunião na diretoria com os pais.

Observa-se que o ato da violência física é pouco praticado nessa escola, predominando a violência simbólica, que se manifesta através das agressões verbais, através de apelidos, e palavras maldosas, pois há preconceito a aparência do outro, causando dessa maneira danos psicológicos e baixa autoestima nas vítimas. O preconceito diante daqueles alunos considerados diferentes dos demais é muito notável, considerando os motivos das agressões, que quase sempre são advindos por motivos banais e casuais, com a finalidade de humilhar.

Para Goffman (1981, p.7), há três tipos de estigmas, o primeiro, as abominações do corpo, como as imperfeições e deficiência física. A segunda é culpa de caráter, baseada na personalidade e suas opções ideológicas, na qual o autor cita como exemplo os distúrbios mentais, homossexualismo, vícios, alcoolismo entre outros; e por último, os estigmas tribais de raças, nação e opção religiosa. Os estigmatizados são vistos como diferentes no meio social, sendo vítimas de discriminações, dificultando sua convivência entre os demais.

O âmbito escolar é um espaço que se aglomeram diversas personalidades, pensamentos e experiências, o que causam diversos conflitos. Bourdieu (1989) ressalta que toda forma de dominação reproduz a violência. Com isso, é observada a presença da violência simbólica, que é naturalizada no cotidiano escolar.

Em suma, é imprescindível ressaltar que haja novas concepções, relações sociais e um Projeto Político pedagógico (PPP), nas escolas que elevem a importância do debate sobre a violência em suas diversas manifestações, dentro do ambiente escolar, e desenvolva um trabalho que vise combater e identificar tais práticas, buscando sempre a interatividade da família e o respeito à alteridade.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ABRAMOVAY, Miriam, Coord. **Conversando sobre Violência nas escolas**. Rio de Janeiro. FLACSO-Brasil, OEI, MEC, 2012.

BARROS, Paulo Cesar. CARVALHO, João Eloir. PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira. Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989

_____, **Escritos da Educação**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998, v. único.

CÉZAR, Neura. PASSOS, Luiz Augusto. CASTILHO, Suely Dulce de. **Bullying nas Escolas**: preconceito, estigmas e desafios da educação dos sentimentos e para a paz. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.15, n.3, p.787-820 jul./set.2017.

CHALITA, Gabriel. **Bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. Pedagogia da amizade. São Paulo: Gente 2008.

DAMASCENO, Amanda Nara Soares. O estigma na visão de Ervin Goffman e o Princípio da Igualdade.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6ª ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6ª edição – Campinas, SP: Verus Editora, 2011.

FRANCISCO, Marcos Vinicius. COIMBRA, Renata Maria. Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. **Estudos de Psicologia**, 20 (3), julho a setembro de 2015, 184-195.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deterioradora. Trad. Mathias Lambert, (2004) – 4ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

LOPES NETO, A.; SAAVEDRA, L.H. **Diga não para o bullying**: Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.

LOPES NETO, A. A. “ **Bullying- comportamento agressivo entre estudantes**”. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/246139980_Bullying_comportamento_agressivo_entre_estudantes acesso em 13/04/2018.

MATOS, M., e CARVALHOSA, Susana F. (2001). **A violência na escola: vítimas, provocadores e outros.** Tema 2, n.º 1. Faculdade de Motricidade Humana/ PEPT – Saúde/GPT da CM Lisboa. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-fato-social>. Acessado em 10/03/2018.

MACHADO, Vitor. NAPOLI, Paulo Henrique. Estigma e discriminação no ambiente escolar: uma proposta para a construção da prática docente no ensino de sociologia. **Imagens da Educação**, v. 6, n. 2, p. 53-66, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v6i2.29911>. Acesso em: 10/06/2018.

MAGALHAES, Rita de Cássia Barbosa Paiva. **Identidade e Estigma no Contexto da Escola Inclusiva: uma leitura a partir de Erving Goffman.** Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/textos/gt15/gt15283int.rtf>. Acesso em: 13/06/2018.

MONTE, Naira Baccarelli. VARGAS, Carla Regiane. FILHO, Paulo José Barbosa Gutierrez. MATOS, José Cláudio Morelli. SILVA, Rudney da. FERNANDES, Jorge Manuel Gomes de Azevedo. Ética, estigma e discriminação de grupos vulneráveis no processo educacional. **Revista Digital** – Buenos Aires – Ano 14 – Nº132 – Mayo de 2009.

NIKODEM, Samara. PIBER, Lizete Dieguez. Estudo sobre o fenômeno bullying em escolas de ensino fundamental e médio da Região Noroeste do RS. **Vivências**. Vol.7, N.12: p.105- 121, Maio/2011.

PERRENOUD, Philippe. **Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia.** (trad. Fátima Murad). Porto Alegre: Artmed, 2005.

RAMOS, Ana Karina Sartori, Bullying. **A violência tolerada na escola.** Curitiba: PDE, 2007.

SILVA, Carla Rauliane Meireles da Cruz. **Bullying e suas Representações Sociais: um estudo de caso sobre os estigmas no espaço escolar.** Projeto de Mestrado – 2017.

STEDILE, Vânia Maria Cenci. CUNHA, Karine Marielly Rocha da. O Bullying e seu Impacto para o Ensino-Aprendizagem da Língua Inglesa.

SANTOS, Alessandra Cardoso. **Violência no contexto escolar: breve análise do enfrentamento da violência na escola municipal Profª Eufrosina Miranda.** (Monografia), Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2011.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TIRADENTES, Adrielly Rocha. Violência simbólica no contexto escolar ar: discriminação, inclusão e o direito à Educação. **Revista Eletrônica do Curso de Direito**– PUC Minas Serro– n.12 – Agosto/Dez. 2015.

APÊNDICE I



Universidade Federal do Maranhão-UFMA Campus São Bernardo
Curso: Licenciatura em Ciências Humanas / Sociologia

O presente questionário tem por finalidade contribuir nos resultados da pesquisa intitulada: “**VIOLÊNCIA NA ESCOLA**: percepções de alunos e professores da Escola municipal Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira em São Bernardo – MA”. Possuindo como responsável: Maria do Socorro Monteiro Costa, orientada pelo professor Mestre Thiago Lima Pereira. A entrevista irá abarcar os estudantes do ensino fundamental (ao 6º ano) da Escola U.

I. Dr. Gastão Dias Vieira, localizada no Povoado Currais, Zona rural, Município de São Bernardo - MA.

Roteiro de entrevistas para os alunos

Identificação:

Idade: anos

Religião _____ Série/ano: _____

Gênero: Masculino () Feminino()

1) Na sua percepção, há bullying na escola?

2) Se sim, como ela se expressa?

3) Você já passou/sofreu por algum tipo de bullying?

4) Qual o tipo de Violência?

5) Você já presenciou algum tipo de violência?

6) Você já praticou algum tipo de bullying?

7) Qual o motivo que levou a tal ato?

APÊNDICE II



Universidade Federal do Maranhão-UFMA Campus São Bernardo
Curso: Licenciatura em Ciências Humanas / Sociologia

O presente questionário tem por finalidade contribuir nos resultados da pesquisa intitulada: “**VIOLÊNCIA NA ESCOLA:** percepções de alunos e professores da Escola municipal Unidade Integrada Dr. Gastão Dias Vieira em São Bernardo – MA”. Possuindo como responsável: Maria do Socorro Monteiro Costa, orientada pelo professor Mestre Thiago Lima Pereira. A entrevista irá abarcar os professores do ensino fundamental (ao 6º ano) da Escola

U. I. Dr. Gastão Dias Vieira, localizada no Povoado Currais, Zona rural, Município de São Bernardo-MA.

Roteiro de entrevistas para professores

1) Identificação:

Nome: _____ Sexo: F () ou M () Religião
_____ Estado Civil: _____ -Idade _____ anos

2) Onde você mora?

3) Nível de escolaridade:

() Graduação/ Área de formação:

() Pós-graduação () Mestrado

Doutorado

4) Atuação: rede pública() rede privada() ambos() Quantas escolas _____

5) Período(s) que leciona: () Manhã () Tarde () Noite

6) Seu campo de atuação: () 1ª a 5ª () 6ª a 9ª () ensino médio() outros _____

7) Disciplina que leciona: _____

8) Na sua percepção, há bullying na escola? Se sim, como se expressa?

9) Qual orientação (formação) que a escola fornece aos professores sobre essa temática: Qual o procedimento a ser tomado?

10) Quais os tipos de comportamentos mais observados no autor(a) na prática do bullying?

11) Quais os tipos de comportamentos mais observados no/na aluno/a?

12) Como você vê o papel da Escola nesse processo? Ou no enfrentamento a esta prática?
